

# A PRODUÇÃO TEXTUAL DE GRADUANDOS

*Renata da Silva de Barcellos* (NAVE / UNICARIOCA)  
osbarcellos@ig.com.br

## **1. Produção textual**

O que nos impulsionou a refletir sobre este tema foi como os graduandos estão se expressando. Como se apropriam dos recursos estilísticos e/ou linguísticos da língua materna. Independente da norma, tipologia e gênero textual, observamos o empobrecimento do texto no que tange a esses aspectos enriquecedores.

Primeiramente, cabe ressaltarmos que muitos ingressam no ensino superior com uma visão limitada da definição de texto:

Podemos afirmar que o texto é o produto da atividade verbal oral ou escrita que forma um todo significativo e acabado, qualquer que seja a sua extensão. É uma sequência verbal constituída por um conjunto de relações que se estabelecem a partir da coesão e da coerência (*sic*). Esse conjunto de relações tem sido chamado de textualidade. Dessa forma, um texto só é um texto quando pode ser compreendido como unidade significativa global, quando possui textualidade (PCN, 1999)

Ao iniciar com uma turma, verificamos que a maioria dos alunos considera texto somente quando há linguagem verbal. Portanto, é preciso conscientizá-los sobre a definição de texto e trabalharmos ao longo do período os diversos tipos de linguagem componentes: verbal, não verbal (icônica) e verbal e não verbal. E, concomitantemente, as suas funções: ilustrar ou complementar.

Cabe destacarmos que, independente, da linguagem que compõe o texto, é fundamental o domínio do tema. Isto é, o conhecimento de mundo (daqui por diante CM) para elaborá-los e associar as diversas áreas ao tema proposto. Vejamos um texto abaixo.

O texto abaixo é uma charge composta de linguagem verbal – uso da Língua Portuguesa – e de linguagem não verbal – o icônico - as imagens. A função desta é complementar aquela. Isto é, sem o icônico não saberíamos quem está narrando a história e nem quem é o interlocutor – ouvinte. Quanto ao conteúdo, precisamos acionar o nosso CM para nos remeter a da Chapeuzinho Vermelho.



Neste texto, o chargista usou o recurso da intertextualidade, para abordar a problemática atual: clonagem de cartão, sequestro e resgate. Além desse recurso estilístico, para a elaboração de um texto bom – com qualidade – é fundamental ter o que dizer e/ou escrever de acordo com a tipologia e gêneros textuais e a norma (coloquial ou culta).

## 2. *Tipologia e gêneros textuais*

A partir da experiência com alunos do ensino superior, verificamos que, inicialmente, quando a temática da aula é texto e suas modalidades, não sabem reconhecer a tipologia e gêneros textuais.

Quando apresentamos as classificações, ficam surpresos com a diversidade. Cabe a nós, enquanto professores, ressaltarmos que cada tipologia e gênero é apropriado a uma situação comunicativa. O mesmo ocorre com a norma ser adotada: “Devemos nos expressar na norma culta ou coloquial?” Se a situação requer formalidade, a culta como em um processo seletivo para emprego ou vaga em universidade, apresentação de um projeto, elaboração de provas e trabalhos; caso contrário, a coloquial utilizada para comunicações entre familiares, amigos etc.

No que diz respeito à tipologia textual, Marcuschi usa o termo para “designar uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas)” (2002, p. 22). Isto é são os textos argumentativos, dissertativos, narrativos, descritivos e injuntivos.

Quanto ao injuntivo, cabe a nós, professores, esclarecermos aos alunos que esta tipologia textual refere-se à orientação – ao passo a passo de como realizar algo, por exemplo receita médica, culinária e manual de instrução. A característica dessa tipologia textual pode ser empregada em gêneros textuais diversos. Dependerá somente da criatividade do autor.

Para ilustrarmos isso, podemos citar um poema cujo recurso é a característica do injuntivo. Vejamos:

### RECEITA PARA FAZER UM POEMA DADAÍSTA

Tristan Tzara

- *Pegue um jornal.*  
*Pegue a tesoura.*  
*Escolha no jornal um artigo do tamanho que você deseja dar a seu poema.*  
*Recorte o artigo.*  
*Recorte em seguida com atenção algumas palavras que formam esse artigo e meta-as num saco.*  
*Agite suavemente.*  
*Tire em seguida cada pedaço um após o outro.*  
*Copie conscienciosamente na ordem em que elas são tiradas do saco.*  
*O poema se parecerá com você.*  
*E ei-lo um escritor infinitamente original e de uma sensibilidade graciosa, ainda que incompreendido do público.*

Outro exemplo de texto cuja característica é do injuntivo pode ser apresentado em uma publicidade. Por exemplo, a da Knorr:



Esfregue um cubinho de Caldo Knorr nos peitos e nas coxas para um bronzeado perfeito.

Knorr  
CALORNA  
LEGUMES  
RACON  
CARNE

Knorr  
3 unidades  
3 unidades  
3 unidades  
3 unidades

O texto acima cujo gênero é uma publicidade do produto Knorr. É híbrido porque há característica da tipologia injuntivo – a orientação – através do uso do verbo no modo imperativo <esfregue>.

Quanto à tipologia e aos gêneros textuais, constatamos que muitos alunos não sabem a diferença entre texto argumentativo e dissertativo. E, afinal, como distingui-los? Qual é a característica de cada um?

O argumentativo apresenta o posicionamento do autor do texto acerca do tema tratado. Ao discorrermos sobre um assunto, é preciso nos posicionar. Já o discursivo se limite a explicar a respeito do que é proposto.

No que diz respeito às tipologias, faz-se necessário conscientizarmos os alunos de que elas são empregadas nos diversos gêneros textuais.

As tipologias são empregadas em gêneros textuais cuja definição é “o reflexo de estruturas sociais recorrentes e típicas de cada cultura”. Por isso, em princípio, a variação cultural deve trazer consequências significativas para a variação de gêneros, mas este é um aspecto que somente o estudo intercultural dos gêneros poderá decidir. (MARCUSCHI, 2002).

Os gêneros textuais são sermão, bilhete, carta, e-mail, MSN, mensagem no facebook, reportagem, notícia etc. Cabe ressaltarmos que, entre todos, o e-mail, o MSN, mensagens em facebook, orkut e twitter – novos gêneros oriundos das inovações tecnológicas – foram criados a partir da necessidade de nos expressarmos de modo dinâmico na atualidade. Como consequência, surge uma nova forma de nos expressar: o internetês. Professores, orientem os alunos de quando podem e devem utilizar essa nova linguagem escrita. É preciso que eles saibam qual o contexto adequado. Não podemos bani-la, dizermos que não devemos nos expressar assim <é errado>. Cabe a nós elucidarmos que depende do contexto e do interlocutor.

Para abordarmos toda essa pluralidade de textos, devemos explorar diversos nas aulas de morfossintaxe e semântica, além de propormos a elaboração deles, a fim de colocarmos em praticar as características de cada um.

Outra característica importante a ser trabalhada é a da mistura de tipologias. Vale dizermos que a grande maioria dos alunos chega à faculdade sem ter consciência de que os textos puros são raros, ou seja, não apresenta características de outros. Eles são predominantemente híbridos. Quanto a essa terminologia, Travaglia (2002) define como conjugação tipológica; já Marcuschi (2002) nomeia como heterogeneidade tipológica.

Observamos isso no texto abaixo do produto Leite moça. Para comemorar os seus 50 anos, criou-se a publicidade com a citação da música Mania de você, de Rita Lee.

*Meu bem você me dá...  
água na boca*



*Há mais de 50 anos  
adoçando nossas vidas.*



### 3. *Dicas para a elaboração de um texto*

Quando nos propomos a elaborar um texto, devemos ler e ou ouvir com atenção o enunciado. Assim, levaremos em consideração o tema, a tipologia e o gênero propostos. A partir dessas informações, saberemos qual norma (culto ou coloquial) utilizaremos e a estrutura do texto com o conteúdo a ser abordado.

Ao propormos a primeira produção textual em uma turma, sempre verificamos como a maioria não tem noção sequer da sua estrutura – “do seu corpo”. É preciso que qualquer tipologia e gênero textual apresentem o desenvolvimento com o maior número de linhas. Afinal, o nome já remete à ideia de algo a ser explicado.

Outra questão verificada é a falta de domínio dos temas propostos. Cabe dizermos que, na nossa prática pedagógica, os assuntos são sempre da atualidade, de questões socioeconômicas – culturais ocorridas no Brasil e no mundo. Por exemplo, neste primeiro semestre, a questão mais mencionada é a Rio +20, devido ao evento em junho. Por isso, tudo o que

está relacionado tem sido explorado em provas como Lixo eletrônico e em concursos como o desafio da sustentabilidade para o futuro da humanidade, do Prêmio CBN de jornalismo universitário – CBN.com.br.

A principal questão é dominar o tema, sabermos discorrer sobre o que foi proposto. Em seguida, organizarmos as ideias segundo as orientações e nos lembrarmos de que a criatividade é o “tempero” de um bom texto. Utilize o recurso estilístico da intertextualidade a fim de demonstrar CM. Concomitantemente, não nos esqueçamos, principalmente, da estrutura, do corpo do texto. É fundamental a abertura de parágrafo (até nos textos impressos) e o desenvolvimento – independente do número de parágrafos- ser a parte com o maior número de linhas. Não nos esqueçamos de que se o nosso texto tiver a introdução e/ou a conclusão aproximadamente com o mesmo número de linhas – igual ou maior – nosso texto será desclassificado – será zerado.

Além disso, vale lembrarmos que devemos escrever com letra manuscrita e legível, frases curtas – ao completarmos uma ideia – PONTUAMOS, verificarmos as escolhas lexicais, a pontuação e separação devida das sílabas e observamos a concordância, a regência, a coerência e a coesão. Quando o texto estiver elaborado, REVISAMOS SEMPRE. Não podemos nos esquecer de que a pontuação, a coesão, a coerência e a regência mal empregadas não só podem comprometer-nos, como também ZERAR o texto, por falta de coerência.

#### **4. Natureza dos desvios**

Inicialmente, cabe ressaltarmos que o termo “desvio” é usado no lugar de “erro” para sinalizarmos o que é considerado inadequado no emprego de um dado contexto em função da produção textual.

A seguir, apresentaremos uma proposta de classificação dos desvios mais recorrentes nos textos dos graduandos:

- 4.1. – **acentuação:** os alunos se esquecem de empregar os acentos agudo, circunflexo e grave como em “proprio” – cuja sílaba tônica é <pró>. Outro desvio recorrente é a ausência de acento agudo no verbo <estar> e <ser>: “ele esta / e triste”.

É preciso levar os alunos a perceberem a diferença entre <esta> - pronome demonstrativo e <e> - conjunção: “Esta – e saia linda” e <está – é> – verbo <estar> - <ser>: “Ele está – é feliz”.

Outras vezes, detectamos que eles utilizam a acentuação indevidamente, por exemplo: <essencialmente>. Têm dificuldade em perceber que só há acento na palavra primitiva <essência>, já, na derivada, não há porque o ponto tônico mudou da sílaba <se> para <men>.

Outra questão é o uso inadequado do acento grave como: em “a-cesso a educação” – faltou o acento grave, porque quem tem a-cesso, tem acesso a algo ou a alguém. Ou indevido quando se emprega o acento sem a regência do termo regente solicitar, por exemplo: “público garante á transparência” – quem garante, ga-rante algo. Portanto, não ocorre a crase.

Há outro caso de não uso: os casos em que o acento é proibido como diante de verbo: “começamos à ler”.

4.2. – **abreviação vocabular:** atualmente, este desvio é um dos maiores problemas que o professor de língua portuguesa enfrenta proveniente da evolução tecnológica. Com o uso de mensagens no celular e das redes sociais e devido à rapidez com que devemos nos expressar, utilizamos o recurso da economia vocabular, nestes contextos, adequadamente. Mas em provas, trabalhos, redações, inclusive para concursos e processos seletivos, jamais!!! Às vezes, nestes, mesmo com essas orientações, aparecem marcas do internetês “...ñ só pelo fato..”.

4.3. – **ortografia:** troca de letras é proveniente da oralidade e / ou falta de domínio da forma escrita de uma dada palavra. Por exemplo: “analisar” é com <s> embora a pronúncia seja como se fosse <z>. Sabemos que o <s> entre vogais o som é de <z>. Palavra derivada “infelizmente” com <s> quando deveria ser registrado com <z> - palavra primitiva <feliz>.

4.4. **Ortografia de homófonas:** é muito comum este desvio devido à pronúncia ser a mesma, mas a ortografia diferente. Muitos a-

lunos não têm bem internalizado as regras de uso, por exemplo, dos porquês e do <a ou há> como em: “À vinte anos, a Eco 92...”. Neste caso, pela ideia de tempo decorrido, seria <há> no lugar de <à>. Só usamos <a> relacionado a futuro “daqui a dois meses, viajaremos...” ou à distância “daqui a três quilômetros há um borracheiro”.

Cabe ressaltarmos, neste tipo de desvio, a separação silábica: “fala-ssemos” – em que não ocorre a separação do dígrafo consonantal.

4.5. – **coerência:** o comprometimento do sentido do texto ocorre, pelo que observamos, de três formas: má organização do pensamento “O Rio + 20 é uma conferência da ONU que depois de 20 anos acontecerá novamente, foi em 92. A sustentabilidade de nosso planeta. Transformando um mundo melhor para vivermos”; mistura de assuntos e a falta de conclusão do pensamento.

4.6. – **concordância verbal:** muitas vezes, constatamos a concordância ideológica: “a gente fomos embora tarde” e o mais comum é a omissão do acento circunflexo na terceira pessoa do plural do verbo <ter> “... os estudantes que não tem”.

4.7. – **conjugação verbal:** no que diz respeito aos verbos, observamos constantemente a ausência de desinência de infinitivo <r> como em “por marca os 20 anos..” – “deve-olha para...”.”Esta é uma oportunidade para pensa...” Podemos dizer que esse tipo de desvio também na locução verbal ocorre por reproduzirmos na escrita o esvaziamento desse elemento mórfico típico da oralidade.

Quanto à locução verbal cujo verbo principal é o <vir>, uma característica é a troca da desinência de infinitivo <r> pelo <m> como em: “pode vim”.

Um desvio clássico na oralidade e/ou escrita é o verbo <ver> no modo subjuntivo como em “Quando eu o vir”, na maioria das vezes, dizemos “quando eu o ver”.



- 4.8. – **gerundismo:** trata-se do uso abusivo desta forma nominal. Ela só deve ser empregada quando for para expressar uma ação em processo: “estou redigindo este texto para você, leitor”.

Quando o texto requer a expressão na norma culta, não devemos utilizar locução verbal (verbo auxiliar <ir> mais um principal na forma nominal infinitivo – vou ler) no lugar do futuro do presente “lerei” ou do futuro do pretérito “leria”.

- 4.9. – **Coesão:** trata-se da palavra cuja função é servir de elo – de ligação uma as outras. Morfologicamente, quem exerce esta função são as preposições – texto sobre produção textual – as conjunções “Fui à faculdade, mas não houve aula” – e os pronomes relativos ”a menina que estava aqui”.

Nas produções textuais dos alunos, verificamos o uso indevido como o início de um período com a conjunção <pois>. É preciso orientar os alunos que não se inicia uma frase com esse conectivo. Por exemplo: “tornando-se assim profissionais competentes. Pois somos cidadãos e merecemos...”. No contexto desse fragmento, verificamos que era desnecessário o seu emprego. Bastava iniciar o período com o verbo <somos>.

Quanto a esse tipo de desvio, cabe ressaltarmos a falta de paralelismo cuja definição é a ausência de equilíbrio sintático quanto ao uso dos conectivos. As mais comuns são a da mistura da conjunção <ou>. com o <seja>, como: “seja ele ou eu”; e da locução conjuntiva <não só...mas também>. Os alunos tendem a omitir a segunda estrutura <mas também> ou o termo <também>, por exemplo: “Eles não só são cantores, são todos famosos”.

- 4.10. – **ausência de equilíbrio do uso de pronomes:** ao elaborar um texto, devemos ter atenção: é impessoal, é na primeira pessoa do singular ou do plural? E no emprego dos pronomes oblíquos “Devemos se inspirar” – o fragmento está na primeira pessoa do plural, logo, o pronome oblíquo pertinente é o <nos> no lugar de <se>.

4.11. – **desorganização frasal:** ocorre quando os termos da frase não foram empregados devidamente. Isso pode resultar na separação do sujeito para o predicado através do uso de vírgula ou da sua ausência como em “Negros e brancos que terminam o ensino médio concorrem todo ano a uma vaga nas universidades...” Neste fragmento, verificamos que a locução adverbial temporal <todo ano> deveria ser empregada no início de período e separada por vírgula: “Todo ano, negros e brancos que terminam o ensino médio concorrem a uma vaga nas universidades”.

4.12. – **frases longas:** este é um dos maiores problemas dos textos atuais. Os alunos vão escrevendo, escrevendo e... onde está a pontuação? Como em “A atual crise econômica mundial é a grande oportunidade para a mudança quando nós não estamos em crise, não queremos....”. Nesse fragmento, deveria ser colocado um ponto final antes da conjunção temporal <quando>. Esse tipo de desvio pode implicar o entendimento do texto por causa do excesso de informação. Ou seja, implicar a coerência.

4.13. – **inadequação vocabular:** quando a escolha lexical não combina com o termo relacionado “... a fim de novos salários, ostentando algo muito maior e a curto prazo”. <novos> não combina com <salários>, deveria empregar <melhores> e <ostentando> não é pertinente – seria <almejando>; ou é incompatível com a norma utilizada no texto (coloquial ou culta), em certos casos, a palavra trata-se de uma gíria como em: “... o Brasil está uma beleza”. A gíria <beleza> foi empregada no lugar de <ótimo>. Exemplo: “... para os estrangeiros acharem que o Brasil...” – o texto exigia a expressão escrita na norma culta, logo, o termo <acharem> está indevido. No lugar, deveria ser <pensarem>. Cabe ressaltarmos que o verbo <achar> é muito utilizado na informalidade tanto com esse sentido quanto com o de <considerar> como no seguinte exemplo “... acabam achando ofensas...”, no lugar seria “consideram ofensas...”

Uma estrutura verbal muito utilizada por nós falantes é <ter que>. Devemos nos lembrar de que a expressão original era <ter de>, mas, com a evolução natural da língua, o <de> foi trocado pelo <que>. Na norma culta, utilizamos os seus sinônimos: <de-

ver, precisar e necessitar> em casos como este “... as pessoas tem que ser livres...”.

Outro termo utilizado inadequadamente é o pronome relativo <onde> relacionado à temática “Esta é a questão onde devemos ler atenciosamente” e não a lugar “Muito menos onde se estuda”.

4.14.– **emprego dos pronomes demonstrativos:** é comum o uso indevido dos pronomes <este> e <desse>.

Este: refere-se a algo / alguém próximo ao locutor, ao tema desenvolvido numa redação ou à exposição /conferência, ao ano em processo, por exemplo: “Esse ano será realizada a Rio + 20” – como é o ano em curso – deveria ser “Este”.

4.15.– **pontuação:** este é o tipo de desvio mais recorrente. Sempre há uma falha desta natureza. Vale ressaltarmos que devemos evitar frases longas. Por isso, ao terminarmos de redigir, revisamos nosso texto sempre. Entre outros aspectos, verificamos a construção frasal, se a pontuação utilizada ou não faz com que o texto transmita a mensagem pretendida. Um dos desvios deste tipo <na moda> é a separar o sujeito do predicado. Vejamos um exemplo: “o ponto principal, será a sustentabilidade”.

Outro desvio frequente é não empregar a vírgula diante dos conectores: “Por isso dizemos...”. Depois da locução conjuntiva conclusiva, utiliza-se a vírgula. Ou da ausência de vírgula para destacar o adjunto adverbial de lugar: “No Brasil as cotas começaram...”, com a função de marcar o sujeito oculto há vírgula antes do verbo <podemos> no fragmento “Com isso podemos”. Devemos empregá-la também para destacar a oração reduzida de infinitivo: “Ao analisar o vídeo conclui...”

Com o termo <etc.>, é comum os alunos empregarem vírgula e/ou a conjunção <e> “banana, mamão, uva, e etc.”. Além disso, há outra questão: o uso das reticências depois do termo “etc...”, o que caracteriza redundância.

É comum também verificarmos como os graduandos utilizam letra maiúscula depois de dois pontos. Esta só é utilizada quando o substantivo for próprio.

4.16.– **regência verbal:** ora o texto apresenta a falta do elemento coesivo “... deixar de refletir o que podemos...”. Quem reflete, reflete *sobre* algo ou alguém. Ora o seu uso indevido “o objetivo dessa reunião é discutir *sobre* ...”. Quem discute, discute algo, ou com alguém.

4.17.– **repetição de palavras:** não devemos repetir termos seja qual for a sua morfossintaxe. É uma das características muito comum da linguagem informal, sobretudo na expressão oral: “... pessoas que são contra e pessoas que são a favor”. Desnecessário a repetição da palavra <pessoas> – segunda ocorrência.

OBS. palavra <que>: atualmente, observamos como as pessoas estão utilizando indiscriminadamente esta palavra como em “A Rio + 20 que tem objetivo ...” No lugar do <que>, usaríamos <cujo>. “...um discurso emocionante que fala sobre a importância...” a estrutura, que fala> é desnecessária – “.. seu objetivo inicial: que é dar auxílio às famílias...” – desnecessário o emprego de “que é”. Muita atenção com o emprego dessa estrutura e da <que é> independente da ocorrência do tempo verbal do <ser>. “Negros e brancos que terminam o ensino médio concorrem todo ano” – a estrutura < que terminam> pode ser substituída por <concluintes – formandos>.

4.18.– **redundância:** ocorre quando dizemos ou escrevemos algo que já foi expressa a ideia como “subir para cima – entrar para dentro”. Nesses casos, verificamos que os verbos <subir e entrar> já apresentam a ideia de <cima e dentro>. Isso também ocorre com o verbo <preferir>. Muitas vezes, ouvimos ou lemos “Prefiro mais pizza do que hambúrguer”. O adequado pela norma culta é: “Prefiro pizza a hambúrguer”.

Outro caso comum de redundância é “Há alguns tempos atrás”. Com a semântica de tempo decorrido, utilizamos o verbo <aver>, portanto, o termo <atrás> é desnecessário.

A partir da observação da tipologia de desvios, cabe a nós, professores de Língua Portuguesa, propormos cada vez mais a prática de diversos tipos e gêneros textuais e, ao entregarmos o texto, devemos comentar o motivo de cada estrutura marcada. Para superarmos as deficiências, é preciso, primeiro, transmitirmos confiança aos alunos, não os expor, a fim de comentarmos os desvios. Como procedemos? Ora escrevemos os fragmentos a serem ajustados no quadro – sem autoria – ora chamamos individualmente e comentamos os desvios. Os alunos devem ser motivados a escrever. É necessário dizermos a eles que são capazes de superar as inadequações, desde que, realmente, almejem isso. Segundo, conscientizá-los da importância de nos expressarmos adequadamente nos mais diversos contextos; e, concomitantemente, levá-los a entender quais são suas inadequações.

Quanto á correção, vale dizermos que é uma tarefa difícil: requer tempo, atenção e habilidade para podermos trabalhar com os alunos, levá-los a entender a necessidade de redigir bem. Sobre as dificuldades de corrigir textos,

corrigir uma redação é uma operação complexa que traz problemas certamente maiores que os da correção de um exercício de matemática ou de versão de uma língua estrangeira. A dificuldade nasce da falta de modelos de referência que permitam proceder de modo mecânico, como num exercício de matemática.

O professor deve basear-se na lógica e na estrutura interna da redação e assumir uma postura diferente para cada gênero textual. Ele deve ainda fazer observações específicas que favoreçam o aprimoramento de cada estudante (SERAFINI, 1998:107).

## 5. *Considerações finais*

Quando o assunto é produção textual, todos nós sentimos “um frio na espinha” por não nos sentirmos seguros quanto ao domínio das diversas regras gramaticais a serem postas em prática na sua elaboração e à organização das ideias por falta de prática em redigirmos textos.

O artigo pretendeu proporcionar uma breve reflexão acerca do que é fundamental levar em consideração para redigir um texto nas mais variadas tipologias e gêneros textuais, no padrão da norma culta.

Sem dúvida, o primeiro passo é não termos medo de escrever. Escrevamos sem nos preocupar, inicialmente, com regras gramaticais. É preciso “navegarmos no reino das palavras”, parafraseando Drummond. Se o tema não for de nosso domínio, obrigatoriamente, quando nos for solicitado apresentação de um texto oral e/ou escrito, primeiro, devemos pesquisar o assunto para ter conteúdo e nos motivarmos. Um texto vazio causa má impressão. Já nós, professores, devemos transmitir confiança para que os alunos não fiquem <bloqueados> devido a uma abordagem indevida com relação às inadequações encontradas num texto.

Portanto, a segurança transmitida aos alunos, as explicações dos usos inadequados e as práticas constantes são fatores cruciais para que os alunos superem seus déficits.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Antônio Suárez. *Curso de redação*. 10. ed. São Paulo: Ática, 1999.

AMARAL, Emilia; SEVERINO, Antônio, PATROCÍNIO, Mauro Ferreira do. *Redação, gramática, literatura*. São Paulo: Nova Cultural, 1993.

ANTUNES, Celso. *Manual de técnicas*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

BAKHTIN, Mikhail (Voloshinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

\_\_\_\_\_. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. Trad: Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARBOSA, Severino Antonio M. *Redação: escrever é desvendar o mundo*. 6. ed. Campinas: Papirus, 1990.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais. Língua portuguesa*. Ministério da Educação e do Desporto. Vol.2, Brasília, 1997.

CASTILHO, Ataliba T. de. *A língua falada no ensino de português*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

CHIAPPINI, Lígia. *Aprender e ensinar com textos de alunos*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

CONCEIÇÃO, Hélio Casatle da. *Redação sem segredo*. São Paulo: Jenner, 1987.

- ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 1983.
- FÁVERO, L. L.; KOCH, I. V. Contribuição a uma tipologia textual. *Letras & Letras*. Vol. 03, nº 01. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 1987, p. 3-10.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula*. 2. ed. Cascavel: Assoeste, 1984.
- HOUAISS, Antonio. *O português no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Revan, 1992.
- ILARI, Rodolfo. *A linguística e o ensino da língua portuguesa*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.
- SERAFINI, Maria Tereza. *Como escrever textos*. Tradução de Maria Augusta Bastos de Matos. 9. ed. São Paulo: Globo, 1998.
- SOARES, Magda. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. 17. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- TERRA, Ernani; NICOLE, José de. *Redação para o 2º grau: pensando, lendo e escrevendo*. São Paulo: Scipione, 1996.
- TUFANO, Douglas. *Estudo de redação*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 1990.
- VYGOTSKY, Lev Seminovich; LURIA, Alexander Romanovich. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. Trad.: Maria da Penha Villa Lobos. 5. ed. São Paulo: Ícone/Edusp, 1988.
- VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. Trad.: José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.